



## NO CAMINHO DA EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL<sup>1</sup>

Teresa Vasconcelos

Estar no mundo sem fazer história,  
Sem por ela ser feito,  
Sem fazer cultura,  
sem “tratar” sua própria presença no mundo,  
Sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar,  
Sem cuidar da terra, das águas,  
Sem usar as mãos, sem esculpir,  
Sem filosofar,  
Sem pontos de vista sobre o mundo,  
Sem fazer ciência, ou teologia,  
Sem assombro face ao mistério,  
Sem aprender, sem ensinar,  
Sem ideias de formação,  
Sem politizar,  
Não é possível.  
(Paulo Freire)

Em meados dos anos 70, foi decisivo o processo alfabetização segundo o método Paulo Freire, no contexto

---

<sup>1</sup> Capítulo 6 do livro de Teresa Vasconcelos (2018) *Viagens de uma Viajante: Ecos da vida de uma educadora-cidadã*, Lisboa: Edições Colibri

do Movimento do Graal<sup>2</sup>. Ainda hoje, as concepções educativas deste grande pedagogo influenciam a minha praxis. Foi no distrito de Viana do Castelo que fiz as minhas primeiras experiências de alfabetização de adultos, todas as noites, numa aldeia na periferia da cidade, Abelheira, nas instalações da “escola primária”. Na sala da minha casa a olhar o mar reuníamos um grupo de professoras do 1º ciclo e educadoras que foram formadas segundo o método Paulo Freire. Durante a preparação e, coincidindo com as nossas vidas profissionais, fazíamos a investigação temática para então criar as palavras geradoras. Lembro irmos para o lavadouro público e conversar com as mulheres enquanto anotávamos os seus diálogos. Uma verdadeira militância. Jantávamos café com leite e pão com manteiga ou queijo e abalávamos no meu carro para a aldeia.

As colegas professoras do 1.º ciclo encarregaram-se do grupo mais avançado, que já sabia ler alguma coisa, e no final do ano “levaram” os seus alunos ao exame da 4.ª classe. Inicialmente o grupo era misto. Mas, nos debates, os homens diziam às mulheres que se calassem porque “não sabes nada” e decidimos então fazer dois grupos divididos por sexos. Resultou, e as mulheres saíram da alfabetização claramente “empoderadas”, como se diz hoje em dia. Eu e as educadoras (eu era então professora na Escola Normal

---

<sup>2</sup> O **Graal** é um Movimento Internacional de mulheres enraizadas na fé cristã, motivadas pela procura espiritual e empenhadas em promover uma cultura do cuidado, cuidado por si, pelos outros e pelo estado do mundo, cujos fundamentos sejam a solicitude, a justiça e a paz. Existe em Portugal há 60 anos.

de Educadoras de Viana do Castelo) ficámos com o grupo de iniciação e usámos integralmente o método de alfabetização segundo Paulo Freire. Estávamos em Outubro, o tempo do plantio da batata e a primeira palavra geradora foi exatamente BATATA. O Sr. Germano e mulher D. Maria, um casal de lavradores completamente analfabetos, ao longo de dois anos foram participantes regulares (diários!) e conseguiram fazer o exame da 4.ª classe. A Sr.ª Olívia, costureira, uma senhora idosa e que já escrevia alguma coisa, ia às sessões mais pelo convívio e para colmatar a própria solidão. Lembro a dificuldade que tinham na motricidade fina (excepto a Sr.ª Olívia). Suavam, literalmente, para conseguir escrever letras tão pequenas. Uma das mulheres afirmou: agora entendemos porque é que as “meninas” ensinam as crianças desde o pré-escolar a rabiscar coisas pequenas (referia-se à motricidade fina, tão essencial nos jardins de infância). No final de dois anos levámo-los ao exame da 4ª classe e todos obtiveram o diploma. O Sr. Germano matou um cabrito e fez-se uma grande festa. Mais tarde contou-nos que, quando ia de motorizada à feira de Ponte de Lima, já não precisava de perguntar o caminho. Parava a motorizada, junto à sinalização, sacava de um cigarro para que quem passasse não se admirasse do tempo que levava a ler, e ia soletrando a palavra até a entender completamente e saber para que lado se devia dirigir. Maravilhou-me ver como o seu sentido de autoestima se desenvolveu. Chegou a colaborar no grémio tal o valor que descobriu em si próprio e no seu trabalho!

No final – e em resultado do processo de alfabetização –

formou-se uma associação local, presidida por um jovem experiente, e a primeira iniciativa que surgiu, votada pela população reunida, foi pedir uma cabine pública de telefone porque não havia uma na Abelheira. Foi um processo maravilhoso e uma das experiências mais significativas da minha vida. Veio a influenciar toda a vida profissional posterior.

Por causa dessa experiência, tomei consciência da profunda desigualdade entre mulheres e homens prevalecente na sociedade portuguesa e fui-me comprometendo no sentido de trabalhar para colmatar essa desigualdade. O Graal foi-me consciencializando. Ainda hoje, toda a minha atividade no âmbito da educação de infância e da formação é perpassada por essa inquietação em relação à problemática das mulheres.

Por outro lado entendi que não pode haver educação de crianças mais pequenas sem educação de adultos. Uma não se faz sem a outra, tal a sua interdependência. Creio poder afirmar que essa consciência perpassou sempre o meu trabalho enquanto formadora.

Usando a filosofia e a pedagogia de Paulo Freire criámos ainda círculos de leitura e programas de formação de mulheres na área da Ribeira Lima sobre: o novo código civil e os direitos das mulheres; alimentação saudável; primeiros socorros; educação das crianças, etc.

Posteriormente, ainda a convite do Graal, regresssei ao Porto e fui fundar os Programas de Animação Infantil em Meio Rural (1979-1983) em doze aldeias dos arredores desta

cidade. Em resultado da alfabetização das mulheres que decorria também nos arredores do Porto surgiu a necessidade de apoiar a educação pré-escolar das crianças. Ainda não havia jardins de infância em meio rural e elas queriam que os filhos, “não sofressem na escola primária” como elas haviam sofrido. Uma fundação holandesa (CEBEMO) financiou. Em cada aldeia as mães escolhiam as animadoras-bolseiras que, em geral, não tinham a escolaridade completa. Passavam por um programa residencial intensivo de formação de cerca de um mês. Convidámos pessoas-chave para virem colaborar numa formação que as preparava para trabalhar com crianças mas, simultaneamente, para serem membros ativos na mudança das respetivas comunidades. Regressadas às suas aldeias de onde muitas tinham saído pela primeira vez, criaram “centros de animação infantil” em espaços cedidos pelas juntas de freguesia, paróquias, casas de emigrantes, etc. As mães escolhiam um horário diário de 3 horas, quase sempre durante as tardes. Não havia um centro de animação infantil igual ao outro e os grupos não excediam as 15-20 crianças para duas animadoras. Eram espaços muito simples mas de grande qualidade estética. Mesas em madeira feitas com cavaletes, fáceis de desmontar, cadeiras de dobrar, estantes improvisadas com tijolos, tudo desmontável porque se tratava de salas multiusos e, nomeadamente aos fins de semana, serviam para outras atividades. Havia alcatifas para as crianças se sentarem e o recurso aos materiais da região: lousa, barro, anilinas feitas com flores esmagadas, pasta de papel de jornal, cola de farinha... Onde não havia água canalizada ia-se à fonte com as crianças e os antigos lavatórios em metal eram muito úteis. Às sextas feiras

reuníamos no Porto com as animadoras e continuávamos a formação em três dimensões: consciência social, papel das mulheres, educação das crianças. Nas tardes funcionavam ateliers para construção de material didático para os centros de animação infantil. Tínhamos uma educadora pela arte na equipa (Annie Rey, da Suíça) que ensinou as animadoras a fazer jogos de mesa muito belos e de grande qualidade pedagógica.

Íamos juntas às aldeias, fazendo aquilo que se chamaria hoje “supervisão/animação” *in loco*. Assim, preocupávamo-nos com a formação das animadoras para trabalhar com crianças mas, simultaneamente, não descurávamos a sua formação pessoal e social, enquanto jovens mulheres e cidadãs. Elas iriam ter um papel muito importante nas suas comunidades. A Marijke de Koning, do Graal na Holanda, especialista em educação de adultos, acompanhava o processo de formação mais sistemático com os grupos de mães também usando a pedagogia de Paulo Freire. Relembro que nas reuniões de mães usávamos os jogos de sequência lógica e lotos construídos pelas animadoras para as crianças, e convidávamos as mães a fazer esses jogos: algumas tinham mesmo dificuldade e entenderam de que forma estávamos a preparar as crianças para a escola primária. Como o acesso aos livros para crianças era limitado e nos parecia fundamental para o desenvolvimento das crianças, viajámos no carro com um grande caixote e os livros iam circulando entre as aldeias. Usando o velhinho “stencil” fazíamos cadernos de formação para as animadoras e para as mães das crianças. Os grandes eventos e iniciativas eram dirigidos a toda a

população e organizados pelas mulheres. Criou-se uma associação inter-aldeias chamada “Mulheres a Preparar o Amanhã”.

Com as crianças aprendizagem da língua era tratada de modo intencional dadas as carências linguísticas que as crianças traziam de casa. Trazer a tradição oral e as artes às crianças em meios rurais não era um luxo: era uma necessidade vital.

Esta experiência de Animação Infantil em Meio Rural veio a ser considerada inovadora por parte do Ministério da Educação (que me dera um destaque ao abrigo do decreto-lei das experiências pedagógicas). Mais tarde foi o próprio Ministério que lançou os programas de educação pré-escolar itinerante e os programas de animação infantil e comunitária. Considero que estas modalidades de educação de infância têm raízes neste projeto. O processo de crescimento humano e profissional das animadoras - agora usa-se a palavra *empoderamento* - foi muito significativo. “Determinante”, afirmou uma. Algumas delas terminaram o ensino secundário e foram fazer a sua formação como educadoras.

Quero salientar aqui, de uma forma muito especial, o que representou trabalhar a tempo inteiro nos Programas de Animação Infantil em Meio Rural do Graal. Estes programas emergiram como uma das formas de as mulheres em meios rurais, depois de terem passado por programas de alfabetização e escolaridade básica, se organizarem e mobilizarem. Como afirmei, nesse final dos anos 70 não havia praticamente estruturas para a infância

em meios rurais. No entanto as mulheres queriam que os seus filhos tivessem acesso a uma educação de infância de qualidade. Começámos por atividades aos fins de semana que, rapidamente se transformaram em estruturas mais permanentes, geridas e coordenadas pelas mulheres. Tratou-se de uma das primeiras experiências de educação infantil não-formal realizadas no nosso país e que, anos mais tarde, veio a ser consagrada na Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar (1997) como modalidade alternativa de prestação de serviços à infância. O interessante na Animação Infantil é que mobilizou jovens animadoras locais para as atividades com as crianças. Como disse atrás a formação era totalmente feita em processo e em situação de trabalho, depois de um programa intensivo residencial de cerca de um mês, onde as questões da educação dos mais pequenos iam de par com a problemática das mulheres e a transformação social. Era uma formação claramente *isomórfica*. Para algumas destas jovens, tratava-se da primeira vez que saíam de casa e que experimentavam uma vida em grupo. Em vez de ficarem em casa “à espera de casar” encontraram um trabalho cheio de significado. Os seus horizontes alargaram-se.

Criámos a partir do nada. Ligávamos a educação das crianças à formação das mães através de reuniões quinzenais. O processo era extremamente abrangente e de grande significado para aquelas comunidades desfavorecidas. Combinávamos a atividade profissional com uma prática de cidadania, elementos que se não podem separar.

Nestes anos da minha vida o que mais me estimulou,



deixando uma marca forte para o futuro, foi a articulação sistêmica de tudo o que fazia: educação de infância, educação de adultos (mulheres), formação de formadores, prática de cidadania e, mesmo, intervenção política direta. A minha vida era um microcosmos em que todas as células se articulavam, uma espécie de caleidoscópio.

*Teresa Vasconcelos*

*(texto elaborado com base num capítulo do livro Viagens de uma Viajante: Ecos da vida de uma educadora-cidadã, Colibri, 2018)*